

## Um encontro Panamazônico Indigenista

Em Manaus, de 18 a 23 de novembro de 1980, 29 missionários das igrejas Metodistas, de Confissão Luterana, Católica, Pentecostal, Igreja do Pacto Evangélico, e 7 indígenas das Nações Shipibo, Quechua, Shuar, Guajiro, Karipuna, Sateré-Mawé, Wapixana, dos diversos países da região amazônica (Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Venezuela), nos reunimos no ENCONTRO ECUMÊNICO PANAMAZÔNICO DE PASTORAL INDIGENISTA convocado por CELADEC (Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã) e pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), órgão anexo à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Deploramos a ausência dos irmãos bolivianos que não puderam vir, impedidos pela situação política caótica instaurada em seu país, por um regime de força antipopular e anticonstitucional. Lamentamos igualmente a ausência de 10 indígenas que não puderam chegar pelas complicações burocráticas discriminatórias dos diversos países.

### I. — REALIDADE INDÍGENA DA AMAZÔNIA

Partindo dos informes de cada país, constatamos a situação trágica em que se debatem os povos indígenas da área amazônica. Somente nos últimos 80 anos, desapareceram mais de 60 povos indígenas no Brasil e muitos outros, em vários países, se vêem ameaçados seriamente em sua sobrevivência física e cultural.

O colonialismo europeu, responsável por séculos de genocídio, hoje foi substituído pelo neocolonialismo. Este representado pelas grandes empresas monopolistas, nacionais e transnacionais, em aliança com os governos locais, dispõe de uma tecnologia muito mais eficiente e destruidora.

A opção pelo modelo de concentrar os capitais e multiplicar os lucros, além de manter dócil e barata a mão-de-obra, levou ao estabelecimento de regimes autoritários e ditatoriais e de leis de integração e de conquista, sob pretexto da Segurança Nacional e do progresso.

Nesta situação, em que o saque da Amazônia se torna um objetivo estratégico, os povos indígenas não só são vistos como insignificantes, mas são simplesmente arrasados como um obstáculo ao "progresso". Além disso, sua capacidade de resistência se vê debilitada sistematicamente por todo tipo de fronteiras estranhas (geopolíticas, econômicas, confessionais, eclesásticas, administrativas) que arbitrariamente os fracionam.

### II. — SINAIS DE ESPERANÇA

Apesar desta conjuntura altamente negativa, alegramo-nos pelo surgimento de organizações indígenas, que revelam um despertar destes mesmos povos pra uma luta em defesa de seus direitos vitais; sobretudo, o direito à vida, à terra, à cultura, à afirmação da identidade étnica, à autodeterminação.

Neste contexto desafiante, a Igreja Missionária, reconhecendo e deplorando séculos de convivência com o projeto colonizador ou de omissão na defesa das nações indígenas, está tomando consciência de que a sua fidelidade ao Evangelho exige uma opção radical e um compromisso sem ambigüidades por estes povos, que são os mais indefesos e explorados.

### III. — NOSSA FÉ E COMPROMISSO

Confessamos o amor universal de Deus a todos os homens e povos, e cremos que o Espírito de Cristo está presente em todos eles como mistério salvífico de libertação.

Confessamos que a evangelização, que é o anúncio da Boa Nova libertadora, sempre passa pelos que "nada são" aos olhos do sistema do lucro e pelos que são marginalizados por uma civilização etnocêntrica e autoidolátrica. (Cfr. 1Cor. 1,27).

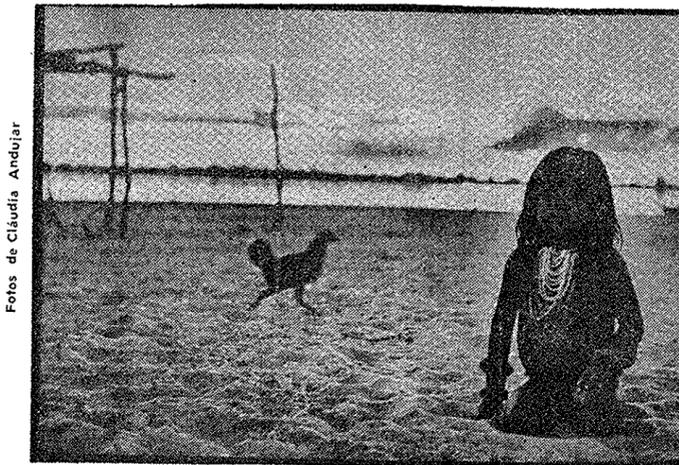
Agradecemos — junto com Jesus — que o Pai se revela, sempre e em todo lugar, aos pequeninos e aos simples e não aos entendidos e poderosos. (Cfr. Lc. 10,21).

Por isso, a evangelização para nós é sempre sair ao encontro, despojadamente, para um diálogo e comunhão plenos, com o Deus de Jesus Cristo que já nos espera por séculos na caminhada histórica e na fé destes povos. E também, uma presença fraterna em meio a esses povos, que se traduz num compromisso de encarnação e libertação. Mesmo sabendo que tal compromisso é arriscado ao legado testamentário de Jesus: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos". (Jo. 15,13)

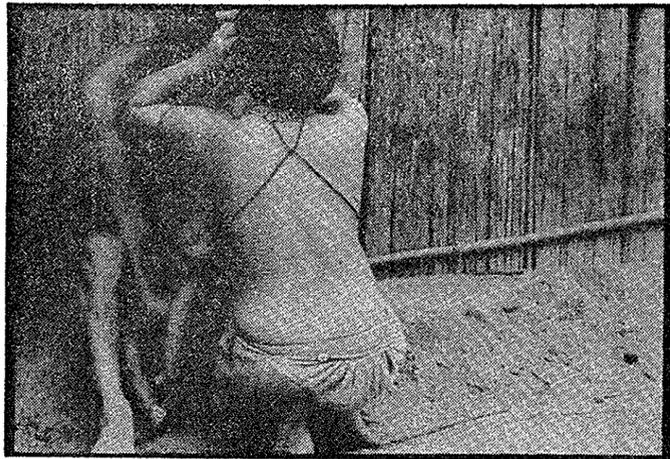
Nesta vivência pascal, celebramos a memória dos irmãos missionários que nos precederam, juntando seu sangue ao sangue de milhões de indígenas, vítimas do massacre da civilização ocidental.

### IV. — DESAFIO AS IGREJAS

Acolhemos e assumimos as interpelações dramáticas dos indígenas presentes ao Encontro, dirigidas às nossas igrejas cristãs, que ao longo da história contribuíram para o projeto colonizador de dominação, facilitando a desagregação de seus povos através do desprezo de suas culturas, da cristianização compulsiva, do divisionismo provocado pelas diferentes confissões ou seitas e criando vergonha de sua identidade étnica.



Fotos de Cláudia Andujar



Atualmente, os indígenas denunciam, com mais força, a atuação desagregadora do Instituto Linguístico de Verão, em vários países, e da missão "Novas Tribos", na Venezuela.

Solidarizamo-nos com os indígenas e alertamos as nossas igrejas contra todo tipo de ação missionária que peca neste mesmo sentido.

Contudo, reconhecemos a necessidade de uma presença missionária respeitosa junto aos povos indígenas, especialmente naqueles ameaçados de extinção, sem nos deter em critérios puramente quantitativos.

### V. — CRITÉRIOS E ATITUDES

Tudo isto nos conduziu — num clima de fraterna busca ecumênica e de honesta autocrítica — a assumir alguns critérios e atitudes renovadas para uma evangelização autêntica:

1. — Opção prévia e clara de parte dos missionários pelos povos indígenas.
2. Seleção cuidadosa dos missionários desde o ponto de vista intelectual, físico e psicológico e preparação específica dos mesmos nas áreas teológica, antropológica, linguística, etc.
3. Conhecimento profundo, respeito e valorização das culturas em todas suas manifestações, incluindo as religiosas.
4. Estudo das políticas oficiais dos distintos países no que se refere às nações indígenas, para assumir uma atitude crítica frente a ela, juntamente com os povos afetados.
5. Presença missionária despojada e pobre, numa atitude de aprendizagem humilde e, ao mesmo tempo, científica.
6. Atitude ecumênica e unitária para que o testemunho cristão em meio aos povos indígenas seja evangélico.
7. Dentro de uma linha de libertação in-

tegral, respeitando os ritmos de cada povo, o anúncio de Cristo — que é a revelação do Pai — implica:

- a) — Solidarizar-se com as lutas concretas dos povos indígenas, principalmente na defesa ou recuperação de seus territórios, com vistas a lograr títulos coletivos de propriedade, de acordo com suas tradições históricas.
  - b) — Apoiá-los no esforço para afixar ou resgatar sua identidade como povos e nações, e seu direito à autodeterminação.
  - c) — Estimular e apoiar as organizações intragrupais, os contatos, as federações e/ou movimentos, entre os vários povos por cima de qualquer tipo de fronteira.
8. Desmantelar evangelicamente as presenças missionárias demasiadamente carregadas de poder (terrenos, edifícios, maquinaria) que, através de sua ação paternalista, mantém os indígenas dependentes, para fer liberdade profética de denúncia às atitudes injustas do poder dominante.
  9. Toda esta luta indígena específica se incorpora na luta global dos pobres por sua libertação, numa perspectiva latino-americana.

### VI. — PROPOSTAS CONCRETAS

1. A pedido dos indígenas presentes e para acelerar a sua organização autóctone, solicitar a CELADEC e CIMI que apoiem um Congresso Indígena Panamazônico, precedido por congressos regionais.
2. Buscar mecanismos para enfrentar os problemas das fronteiras políticas ou das circunscrições eclesásticas que dividem um mes-

mo povo indígena. Favorecer por este motivo os encontros e a coordenação dos missionários que trabalham com as mesmas etnias.

3. Suscitar e reforçar estruturas eclesásticas autóctones de pastoral indígena (indigenização da pastoral).

4. Organizar encontros Panamazônicos de missionários de base.

5. Acelerar a formação do Centro Ecumênico de Pastoral Indigenista Latino-Americano (CEPILA).

6. Implementar canais permanentes de interrelação entre igrejas, de igrejas com indígenas e entre comunidades indígenas.

7. Favorecer uma educação bilingue e intercultural, a partir da realidade de cada povo, com vistas a afixar ou devolver aos povos indígenas sua consciência étnica. Fomentar emissores de rádio indígenas e publicações, como instrumento de valorização das línguas e culturas indígenas.

8. Manifestar nossa solidariedade aos povos em luta pela libertação, particularmente Bolívia, El Salvador e Guatemala.

### CONCLUSÃO

Com a ajuda de Deus, num espírito de oração, humildade e vivência pascal, comprometemo-nos a por em prática estas linhas de ação.

Chamamos, desde a causa indígena, a todas as igrejas e povos oprimidos da América, para que fortaleçam o processo de unidade na esperança de libertação de todos nossos povos, para a qual caminhamos a partir de nossa fé em CRISTO RESSUSCITADO.

Encontro Ecumênico Panamazônico de Pastoral Indigenista  
Manaus (Am.), 23 de novembro de 1980

## Aos povos indígenas da Amazônia

Missionários de várias confissões cristãs, procedentes do Peru, Equador, Brasil, Colômbia e Venezuela, estivemos reunidos, de 18 a 23 de novembro de 1980, na cidade de Manaus, Amazônia brasileira. Devíamos estudar a realidade indígena da Amazônia e ver como melhor poderíamos ajudar vocês em sua Causa.

Têm nos acompanhado, neste encontro, irmãos seus representantes dos povos indígenas Shipibo, Quechua, Shuar, Guajiro, Karipuna, Sateré-Mawé e Wapixana.

Deles ouvimos depoimentos muito graves sobre a situação de desintegração, de miséria e até de extermínio em que muitos de vocês se encontram. Eles mais uma vez nos lembraram a parte de culpa que nossas igrejas tiveram antigamente e têm ainda hoje nesta situação toda de vocês.

Queremos pedir sinceramente perdão. Reconhecemos que muitas vezes, em nome do Evangelho de Jesus Cristo, lhes trouxemos costumes e necessidades estrangeiras e facilitamos a entrada de invasores, antigos e modernos, que lhes vêm roubando a terra com suas riquezas de minérios, plantas e animais e lhes vêm destruindo a harmonia de sua vida comunitária e livre.

Ouvindo seus irmãos, nos sentimos obrigados a denunciar particularmente a política de conquista e de integração, falsamente chamada nacional, que os Governos de nossos respectivos países vêm exercendo contra vocês.

Rejeitamos como genocida a cobiça das grandes empresas nacionais e multinacionais, que devastam os territórios de vocês explorando as minas, derrubando as florestas e criando o gado do latifúndio.

Condenamos a hipocrisia com que estes Governos — por vezes com o aplauso inconsciente ou agostista de nossos povos — em nome da Pátria, da Segurança Nacional e do progresso, estabelecem leis, constroem estradas e implantam projetos, abertamente contrários aos direitos e necessidades vitais de vocês.

Denunciamos com indignação a utilização que de vocês se faz através de propagandas turísticas, como no caso do filme que o cineasta alemão Herzog pretende realizar no meio do povo Michiguenga.

Como Igreja de Jesus que confessamos ser, admoestamos energicamente o Instituto Linguístico de Verão (ILV), em vários países e as "Novas Tribos", na Venezuela, que usando também o nome de Cristo, violam a cultura milenar de vocês e sua sobrevivência como povos. Como admoestamos todas as missões cristãs que não respeitam devidamente a identidade cultural de vocês e sua livre autodeterminação.

Apoiando seu clamor e suas legítimas reivindicações, exigimos ante a opinião pública mundial, que nossos Governos e empresas nacionais e multinacionais respeitem os territórios a plena liberdade de vocês.

Porque sentimos mais de perto nestes dias algumas con-

cretas reivindicações, exigimos que o Governo do Brasil, como é de seu dever e pelo compromisso que assumiu publicamente, decreta ainda dentro deste ano a demarcação do Parque Yanomami; exigimos do Governo do Peru que respeite integralmente o território do povo Campa; exigimos que o Governo do Equador respeite por sua vez o ancestral território do povo Shuar, ameaçado pelo Projeto de Desenvolvimento Palora Guallaquiza e que derogue o decreto 31.34/A, que ameaça o futuro deste povo.

Para vencer tantos inimigos, antigos e novos, vocês sabem muito bem qual é a força de seus povos, tão habituados à luta. Mantenham altivo o orgulho de serem o que são, raízes e símbolos da verdadeira América. Não percam a memória e estímulo de sua história antiquíssima. Amem e cultivem sua língua nativa como se ama a própria mãe. E caminhem cada dia com maior decisão e com uma visão sempre mais larga do mundo, nesse movimento de organização, de federações e confederações que está se espalhando como torrente de vida nova por todo o continente Latino-Americano.

Nesta luta organizada, juntem suas mãos, suas vozes e o sangue de seus mártires, às mãos, às vozes e ao sangue de tantos lavradores e operários, igualmente oprimidos, igualmente combatentes em nossa América Latina. O mesmo inimigo despoja a eles e a vocês. Uma só é Causa dos Povos.

É necessário destacar hoje com fraterna emoção e com um apoio incondicional o sacrifício e a luta dos povos de El Salvador, Guatemala e Bolívia, nos quais tantos indígenas, camponeses e operários estão sendo massacrados.

Finalmente, de nossa parte, arrependidos por tantos erros e abusos que nossa civilização e nossas Igrejas cometeram contra vocês, nos comprometemos diante de vocês e do mundo, a prestar-lhes uma total solidariedade, até as últimas consequências.

Perante o Deus, Senhor da história, que a todos nos dá a Vida e a Liberdade e que caminha com todos os Povos da Terra, lhes pedimos que aceitem esta nossa aliança e que nos exijam íntegra fidelidade à nossa missão.

A Causa Indígena não é uma causa perdida, apesar do que possa pretender o Sistema de Dominação que os massacra, apesar da incompreensão de nossos próprios povos, apesar do desânimo que, às vezes, possa tomar conta de vocês mesmos. Nós cremos que chegará para os Povos Indígenas da Amazônia e da América, o Dia Novo da Libertação.

Com amizade de irmãos, a todos vocês abraçamos, nesta Esperança.

Encontro Ecumênico Panamazônico de Pastoral Indigenista Manaus, (AF), 23 de novembro de 1980.